

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL**

MARCIA REZENDE FEITOZA

Tudo tem um som:

Oficina de som no audiovisual para crianças

Recife, 2023

MARCIA REZENDE FEITOZA

Tudo tem um som: Oficina de som no audiovisual para crianças

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de bacharel.

Orientadora Cristina Teixeira Vieira de Melo

Recife, 2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Feitoza, Marcia Rezende.

Tudo tem um som: Oficina de som no audiovisual para crianças / Marcia
Rezende Feitoza. - Recife, 2023.

57p : il.

Orientador(a): Cristina Teixeira Vieira de Melo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Cinema e Audiovisual -
Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Cinema e Educação. 2. Arte Sonora. 3. Escuta. 4. Pedagogia Audiovisual.
I. Melo, Cristina Teixeira Vieira de . (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

MARCIA REZENDE FEITOZA

Tudo tem um som:

Oficina de som no audiovisual para crianças

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Comunicação e Artes, como requisito para obtenção do título de bacharel.

Aprovado em: 09/05/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Cristina Teixeira Vieira de Melo (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr.^a. Yvana Carla Fechine de Brito (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr.^a. Mariana Porto de Queiroz (Examinador Externo)

AGRADECIMENTOS

Em agradecimento à minha mãe e todos os tecidos que já teceu com suas mãos, ao meu avô e os alto-falantes que construiu, as pontes que permitiu que fizéssemos, à minha avó e toda comida feita com as mãos mais cuidadosas que poderia ter, ao meu tio Newton, e seu feitiço herdado de meu bisavô, ao meu tio Né, que me apresentou o samba. Ao Ale, que divide e cuida de nosso dia-a-dia, de nossa filha Anahí, dos sons mais complexos e bonitos de se ouvir e ver crescer.

Para a conclusão do TCC contei com muitas mãos: Paulo Pontes, que chegou junto para ajudar na produção antes das aulas começarem, Felipe Karnakis, Jota Carmo e Corina Santiago, que toparam registrar as aulas, Alessandro Andrade, que além de dividir o cuidado de nossa filha, foi quem cozinhou na maioria das aulas o nosso lanche, Rodrigo Grilli que compartilhou um pouco os sons que faz sair do barro, Cecilia Assy que esteve presente em três encontros também brincando junto, Bruno Silva que ajudou a capturarmos sons nas ruas da Vila Arraes, nos ajudou a chegar e ir embora também nos dias em que veio. Agradeço a Linda dos Santos e Henrique Martins, por emprestarem o notebook para as aulas e todo o apoio. A todos que colaboraram e compartilharam a publicação do meu pedido de doações para as aulas. Foi o que trouxe a comida à mesa. Obrigada demais!

Agradeço a Vika Schabbach, que foi uma super incentivadora durante as aulas de sonoplastia em Teatro, a minha orientadora Cristina Teixeira, a Joice Paixão, que é uma das fundadoras e coordenadoras do GRIS, quem chamou as crianças para estarem junto, quem permitiu construir essa ponte nesse espaço tão potente e importante para a Várzea. Agradeço demais a Joyce Ara'i, educadora e colaboradora do GRIS, que muito ajudou as aulas acontecerem de fato, seja trocando ideia ou ajudando com um suco, uma ferramenta que precisássemos. Agradeço a Arthur Eugênio, que também é educador do GRIS e colaborou com as realizações da oficina e trocas.

Gostaria de agradecer muito a todas as crianças que quiseram se encontrar comigo no GRIS para experimentar com sons e imagens: Anna Lethycia, Jennifer, Victoria, Camili, Heloisa, Antonella, Maria Alice, Arieli e Alana. Sem vocês nada disso estaria aqui.

RESUMO

O presente trabalho é um relatório da Oficina de Som no Audiovisual TUDO TEM UM SOM, que foi destinada a crianças do Espaço Solidário GRIS, na Vila Arraes, cidade do Recife, nos meses de março e abril de 2023. Essa oficina se baseia no debate teórico e prático das áreas de Cinema e Educação, Pedagogia, Arte Sonora e Arte-Educação, e buscou criar reflexões sensíveis com o território em que as crianças participantes viviam, com o espaço de suas casas, de suas escolas e vizinhança.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema e Educação, Arte Sonora, Escuta, Pedagogia Audiovisual

FIGURAS:

Figura 1 *Fotos de Felipe Karnakis*

Figura 2 *Fotos de Felipe Karnakis*

Figura 3 *Fotos de Felipe Karnakis*

Figura 4 *Fotos de Felipe Karnakis*

Figura 5 *Fotos de Jota Carmo*

Figura 6 *Fotos Felipe Karnakis*

Figura 7 *Fotos Felipe Karnakis*

Figura 8 *Fotos Felipe Karnakis*

Figura 9 *Fotos de Cecília Assy*

Figura 10 Arquivo pessoal

Figura 11 Arquivo pessoal

Figura 12 Arquivo pessoal

Figura 13 *Fotos: Corina Santiago*

Figura 14 *Fotos: Corina Santiago*

Figura 15 *Fotos: Corina Santiago*

Figura 16 *Fotos: Corina Santiago*

Figura 17 *Fotos: Corina Santiago*

Figura 18 *Fotos: Corina Santiago*

Figura 19 *Fotos: Corina Santiago*

Figura 20 *Fotos: Felipe Karnakis*

Figura 21 *Fotos: Corina Santiago, Jota Carmo e Felipe Karnakis*

Figura 22 *Fotos de Jota Carmo e Felipe Karnakis*

Figura 23 *Foto de Felipe Karnakis*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. RELATOS DA OFICINA.....	11
2.1. 17 de março - A primeira aula: Para uma aula acontecer, o que é preciso?.....	11
2.2 20 de março AULA 2 - A água e o som.....	16
2.3 24 de março AULA 3 - Ver e mexer para conhecer.....	18
2.4 27 de março AULA 4 - Trabalhar com criança demanda energia.....	20
2.5 31 de março AULA 5 - Preparada para o despreparo.....	23
2.6 03 de abril AULA 6 - Captura de sons na Vila Arraes.....	25
2.7 10 de abril AULA 7- Capturando mais sons.....	29
2.8 14 de abril AULA 8 - Criando histórias a partir dos sons.....	33
3. O FIM OU UMA VIAGEM CONTÍNUA.....	35
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
5. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS.....	39
6. APÊNDICES.....	40
APÊNDICE – Caderno de exercícios: Tudo tem um som.....	40

*Os trovões já batucavam
Vanguardistas batucadas
O vento já produzia
Árias de ar e poeira
O mar nunca atrasará
O compasso do batuque
E o fogo na sua dança
Toda vida fez um som
Antes do peito dos mouros
Antes dos gritos da gente
Antes até da saudade
Que viajou além-mar
Do banzo dos africanos
Do toré no mato verde
O fogo com seus estalos
Fazia um som
Já fazia um som*

(Antes dos Mouros - Cordel do Fogo Encantado, Compositor: Jose Paes De Lira Filho)

INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso em Cinema e Audiovisual na UFPE começa atravessado pelo próprio nome, na vontade de concluir, e também de dar um retorno à sociedade com algo desses seis anos de estudo na graduação em uma universidade pública. Graduação essa emendada com outra anterior, de Relações Internacionais. A necessidade de concluir reflete dez anos completos na graduação e, no meio disso, uma mudança de cidade, e uma filha. Começo por aí, porque é desse ponto de partida que vem meu TCC. Eu chego ao curso de cinema com os olhos brilhando para produzir filmes e produzir junto de gente, de criança, de bicho, de mato. Assim, o TUDO TEM O SOM começa. Vem da rua onde nasceu minha filha, nos Lotes, no bairro da Várzea. De ouvir o Davi, neto de Suely, inventando mundos e

brincando com Letícia, nossa vizinha. Vem da irmã que colocava louvor todos os dias na parte da manhã e esse som atravessava nossas paredes e chegava pontualmente em nossos ouvidos - nos perturbando - e não do silêncio de um prédio alto, mas do barulho constante de uma comunidade que não quer parar de ouvir. Sim, tudo tem um som, até mesmo o silêncio. E som implica em alguma ação, ou coisa existente que faça esse som. Assim, território, bichos, pessoas e sons estão intimamente ligados.

Em 2018, começo minhas primeiras experiências com captação de som dentro da universidade. Experiências essas que são mais experimentações e exercícios do que um aprendizado técnico sobre a prática. A partir daí, tento experimentar em conjunto: dentro de espaços formativos, como inserir o som? É no mesmo ano que inicio um estágio como arte-educadora no museu Murillo La Greca. E as inquietações no campo da arte-educação se intensificam. Em 2019, fui uma das educadoras de uma oficina em Caranguejo Tabaiaras, no evento Terra Prometida: Oficina de Produção Audiovisual. No mesmo ano, junto ao MAPE (Mulheres no Audiovisual de Pernambuco), dei uma oficina no FESTCINE: Formatos viáveis e midiativismo/Bora filmar com celular? Formações que iniciaram meu processo de me ver como educadora audiovisual.

Durante a pandemia, junto com meu companheiro Alessandro Andrade resolvemos propor em editais uma ideia de formação em audiovisual à distância, o Cinema em Casa, que teve duas edições: uma em vídeo aulas - através do edital do SESC PE - e outra com encontros online via *meet* - com a Lei Aldir Blanc. Nesse processo começo a desenvolver o que seria um eixo para trabalhar o som no audiovisual, colhendo referências de Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, passando pelas propostas dos *Cadernos do Inventar*, feitos no projeto Inventar Com a Diferença, me inspirando e tendo ajudado a construir a cartilha "O que não é desenho?" no museu Murillo La Greca, e com reinvenções e indagações de bell hooks em *Ensinando a Transgredir*. A educação passa, para mim, como um lugar em constante movimento e fluxo de trocas. Através dessas referências começo a construir também meu TCC - TUDO TEM UM SOM. Indo pro campo sonoro, com Muray Schafer em *Afinação do Mundo*, começo a refletir sobre as questões sociais e políticas que os sons implicam no mundo e no território em que vivemos. E com

a artista sonora e educadora Sara Lana, começo a ver que é possível pensar em oficinas de som que envolvam as crianças no território.

Começo a pensar em um Caderno de Práticas para trazer durante as aulas como base para o processo criativo das crianças. E que pudesse também ser um multiplicador de conteúdo, usado em outros contextos de educação não formal. Em 2021, a ideia do caderno é premiada através do Edital Bráulio de Castro de Criatividade, e começo a construí-lo com a designer Winnie Bárbara. Não fechamos nem conteúdo nem diagramação, já que também prorrogo a execução do trabalho de conclusão na pesquisa por onde propor e executar as aulas.

Assim começo a procurar onde dar uma oficina de Som e Audiovisual. Penso primeiramente em uma escola municipal na rua onde morava, nos Lotes, na Várzea. Começo a me reunir com direção e uma professora do 2º ano do ensino fundamental, que se interessa muito pela ideia de uma oficina com os estudantes de sua sala. Porém, ela muda de cargo na escola e eu me mudo de endereço. O território ali parece perder sua motivação inicial. Depois, morando na comunidade do Sítio do Bigode (ainda na Várzea), começo a costurar a ideia de fazer a oficina com as crianças do Sítio, com idades de 5 a 14 anos. Porém, no sítio, não havia um espaço adequado para as oficinas e exposições que gostaria de fazer e prefiro buscar um novo lugar. Em dezembro de 2022, já matriculada na disciplina de TCC, procuro lugares que façam sentido e eu confie no trabalho de quem faz parte dele. Em janeiro de 2023, converso com Joice Paixão - uma das coordenadoras do GRIS - para que a oficina aconteça com as crianças atendidas pelo espaço, que eu já conhecia o trabalho desde 2018.

Na procura por onde fazer uma oficina nada formal nem institucional, primeiro caminho na direção da escola formal, por pensar no espaço e estruturas já consolidados de uma escola municipal, mas as burocracias e a falta de autonomia no espaço me levam a pensar em um contraponto: o sítio onde eu moro. Ai aparece outro problema: em um lugar sem nenhuma estrutura, mas muito particular da minha própria vida, como estruturar e por os espaços em seu lugar: as fronteiras entre o que é minha casa e o que é espaço de aula/encontro? Nessa busca, me volto para o GRIS, que é uma Associação

sem fins lucrativos, e um espaço de educação não formal, que se propõe a ter formações e serviços para o acompanhamento de crianças da Várzea e suas famílias. A autonomia por realizar uma oficina fora dos moldes de uma escola tradicional, ao mesmo tempo sendo o GRIS um espaço consolidado com uma estrutura para dar essas aulas, me fez entender que era um lugar muito mais próximo do ideal para a realização da oficina.

Começo a territorializar a oficina, sabendo onde iria pisar (ou achando que sabia). Consigo retomar e fechar o conteúdo do Caderno de Práticas e o diagramo para impressão, em uma gráfica nos 7Mocambos (Paulinha personalizado e gráfica), onde o GRIS tem uma parceria. Começo a ir atrás, junto a Paulo Pontes - que me ajudou na produção da oficina - de doações para a alimentação das crianças durante as aulas. Vamos atrás de mercados, padarias e comércios da região, mas todos negam. Entre a segunda e terceira aula, eu também peço doações através do *instagram* e consigo levantar um dinheiro para garantir a alimentação das crianças durante os dias de aula.

RELATOS DA OFICINA

17 de março- A primeira aula

Para uma aula acontecer, o que é preciso?

A primeira aula foi totalmente caótica. Acho que... fora do controle, do que eu esperava, do que eu achava que eu teria controle. Eu resolvi fazer experimentação com argila e aí virou uma grande guerra de argila entre as crianças. E entendi que sim, tem algumas coisas que eu preciso demarcar e delimitar, para que não vire somente uma grande doidera. É necessário pensar em referências sempre, porque se não elas vão me trazer e eu não vou ter como retornar para elas. Então é algo a ser trabalhado para as próximas aulas.

O trecho acima está no áudio que enviei para mim mesma sobre essa primeira aula, após conversa com minha orientadora, Cristina Teixeira, que me sugeriu e incentivou a fazer os registros em gravação de voz sobre os sentimentos após cada aula.

A primeira aula foi pensada como a aula de apresentação, onde faríamos uma prática de percepção sonora e depois conversaríamos sobre um mapa afetivo de sons. Joice me disse que o GRIS estava com o espaço novo para as aulas, no primeiro andar. Abri, varri e as crianças começaram a chegar. Primeiro veio Lethycia, logo após foi Jennifer, ainda vieram Nellinha, Camili e Heloisa, e um pouco depois chegou Victoria. As seis meninas que marcavam presença nas aulas por quase todas as semanas. Nesse grupo havia três meninas de 12 anos, uma de 5, uma de 8 e outra de 9 anos.

Na apresentação, propus que cada uma dissesse o nome, a idade e contasse uma história que a gente teria que adivinhar se tinha acontecido de fato ou foi criada. As meninas de 12 anos adoraram a ideia e entraram no jogo; as mais novas ficaram envergonhadas e não quiseram inventar histórias. Mas via o brilho nos olhos das que se interessaram em contar e criar histórias.

Depois fomos para a percepção sonora: de olhos fechados, cada uma se concentrou nos sons que estavam acontecendo ao redor e os desenharam: ventilador, pessoas, porcos... Eu havia levado argila para que elas pudessem dar forma a esses sons. No início, elas tentaram fazer figurativamente o ventilador, os porcos, e outros objetos que emitiram sons. Porém, em determinado momento, isso começou a ser uma brincadeira de espalhar argila uma na outra. E então, a sala estava cheia de argila, as meninas estavam com argila na cara, nos cabelos e roupas. Passamos boa parte da aula tentando nos limpar.

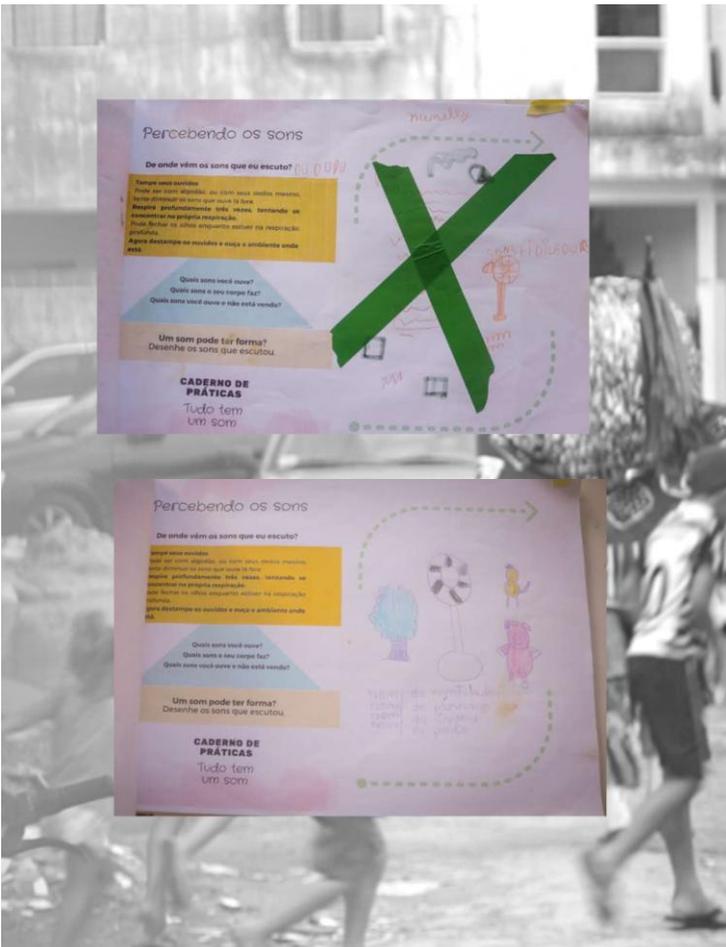


Figura 1 e Figura 2: Fotos de Felipe Karnakis

Imagens do desenho da prática de Percepção sonora de duas crianças diferentes.

Depois propus a ideia de pensarmos em sons que fazem parte do nosso dia a dia e assim cada uma criasse o seu próprio mapa afetivo de sons. "Muitas vezes a experiência entra na sala de aula a partir da memória." (bell hooks. *in Ensinando a Transgredir. p. 123*)

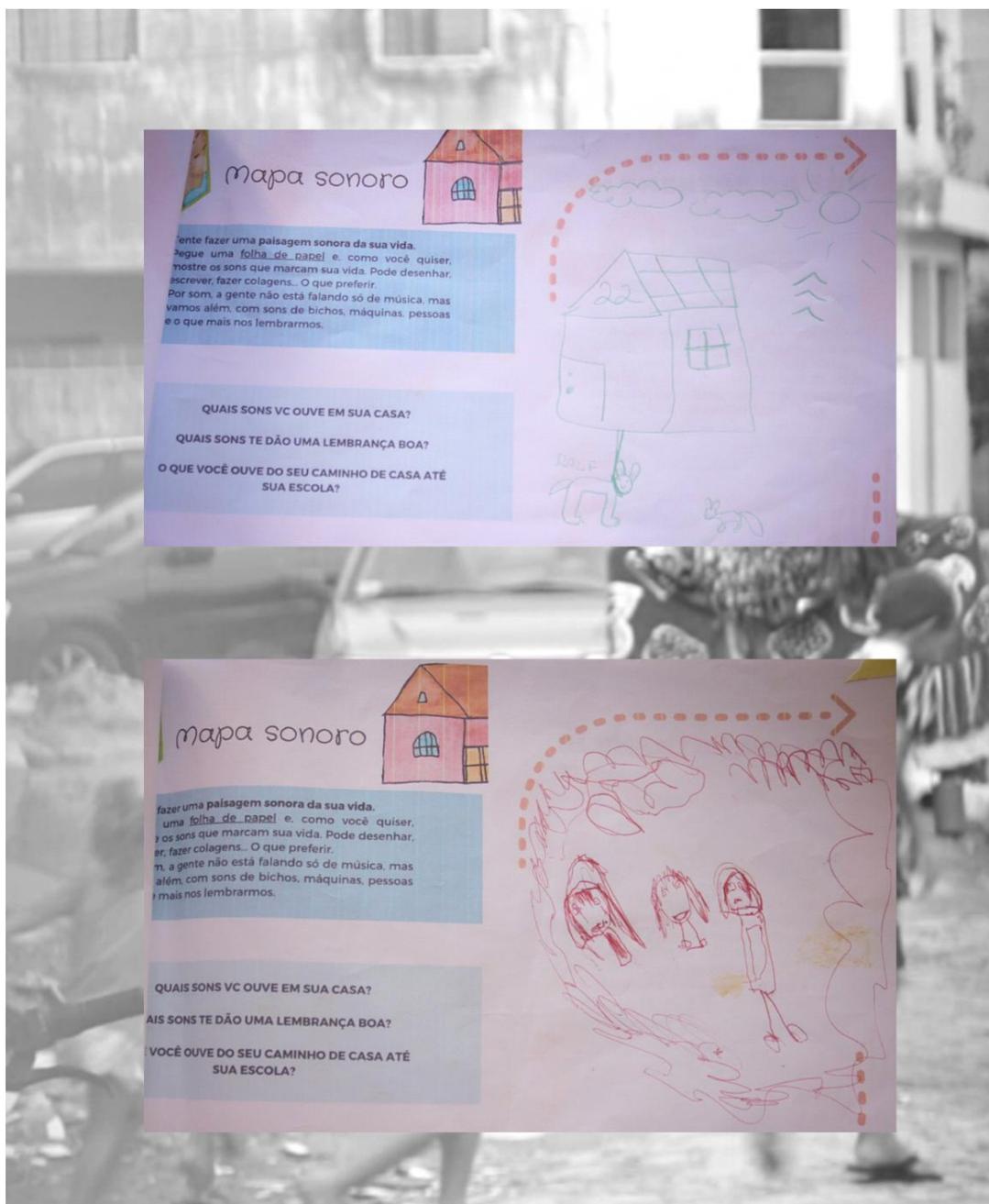


Figura 3: Fotos de Felipe Karnakis

Aqui, uma das crianças desenhou o som do cachorro latindo e a outra a desenhou ouvindo o pai e a mãe brigando.

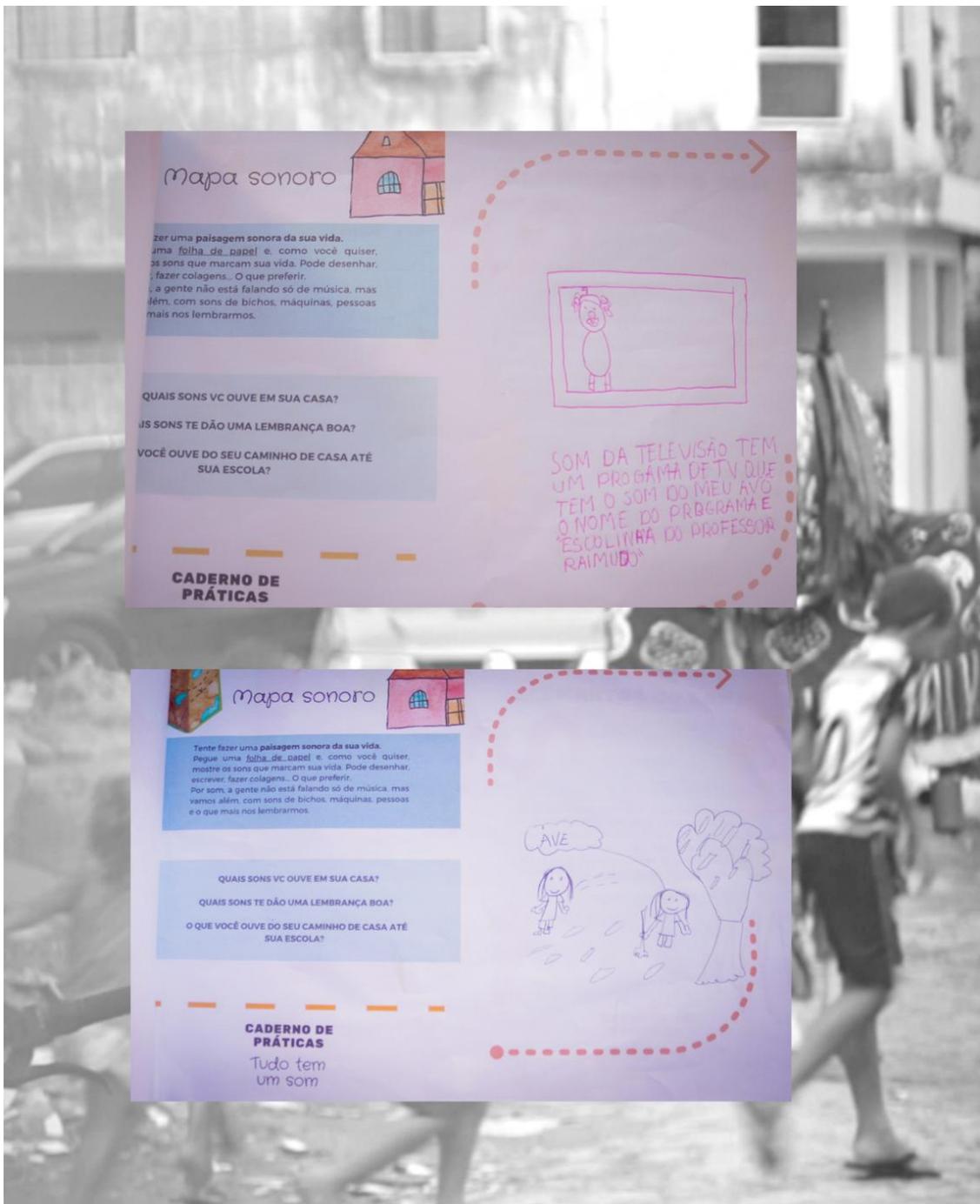


Figura 4: Fotos de Felipe Karnakis

Nessa imagem, o primeiro desenho foi da TV, em que o avô assiste Escolinha do Professor Raimundo, aos domingos, e o segundo da avó e da mãe varrendo o quintal e conversando.

Ao final da aula, elas quiseram me mostrar músicas que gostavam, de danças do tiktok à BTS e o KPop. Entendi que também é importante eu levar as referências que me levaram a propor essas práticas. Seja filme ou sons que se conectem com essas experimentações. Um desafio importante foi entender

que não dá para propor as aulas sem ter um lanche toda aula. Algumas das crianças relataram estar com fome, não terem almoçado.

20 de março

AULA 2 -A água e o som

Essa aula foi na varanda que tem no térreo do GRIS. De lá, vemos uma ponte que dá para a Vila Arraes, o rio, porcos, cavalos e patos. É um espaço que Joycinha (voluntária do GRIS e estudante de Artes Visuais da UFPE) me recomendou que eu fizesse as aulas que fizessem mais sujeira, com argila, água e etc. Para essa aula, levei como referência três vídeos: *Cordilheira de amoras II*, um curta-metragem de Jamille Fortunato sobre uma criança que brinca no quintal de sua casa com revistas de beleza, portas, tijolos, caixa de sabão em pó, e os transforma em cenários completamente diferentes do que os olhos podem enxergar, mas a imaginação vai além. Além do curta, levei um vídeo de Hermeto Pascoal - Música da Lagoa, e um clipe de Naná Vasconcelos - Batuque nas águas. A conexão das crianças com o curta-metragem veio através dos risos delas durante o filme, ver a brincadeira sendo filmada também abriu espaço para elas se envolverem na prática proposta de criar com as águas, como fazem Hermeto Pascoal e Naná Vasconcelos. Levei baldes e enchemos com água, levamos para a porta do GRIS e lá elas criaram ritmos e experimentaram sons. Jota Carmo, estudante de Cinema e Audiovisual da UFPE, esteve presente para registrar o encontro. Chamei Rodrigo Grili, que também é do curso de Cinema, e é ceramista. Rodrigo levou alguns instrumentos feitos de cerâmica por ele: ocarinas, bum d'água e um apito que funciona com a pressão da água. Foi um momento de experimentação muito interessante e que envolveu bastante elas.

Nessa aula, eu levei um pão de caixa, queijo, margarina e mortadela, o que foi nosso primeiro lanche coletivo. Entendi a importância de mais mãos chegando junto, e como o momento do lanche é também um momento de trocas, de estarmos alimentadas e podendo criar vínculos.



Figura 5: Fotos de Jota Carmo

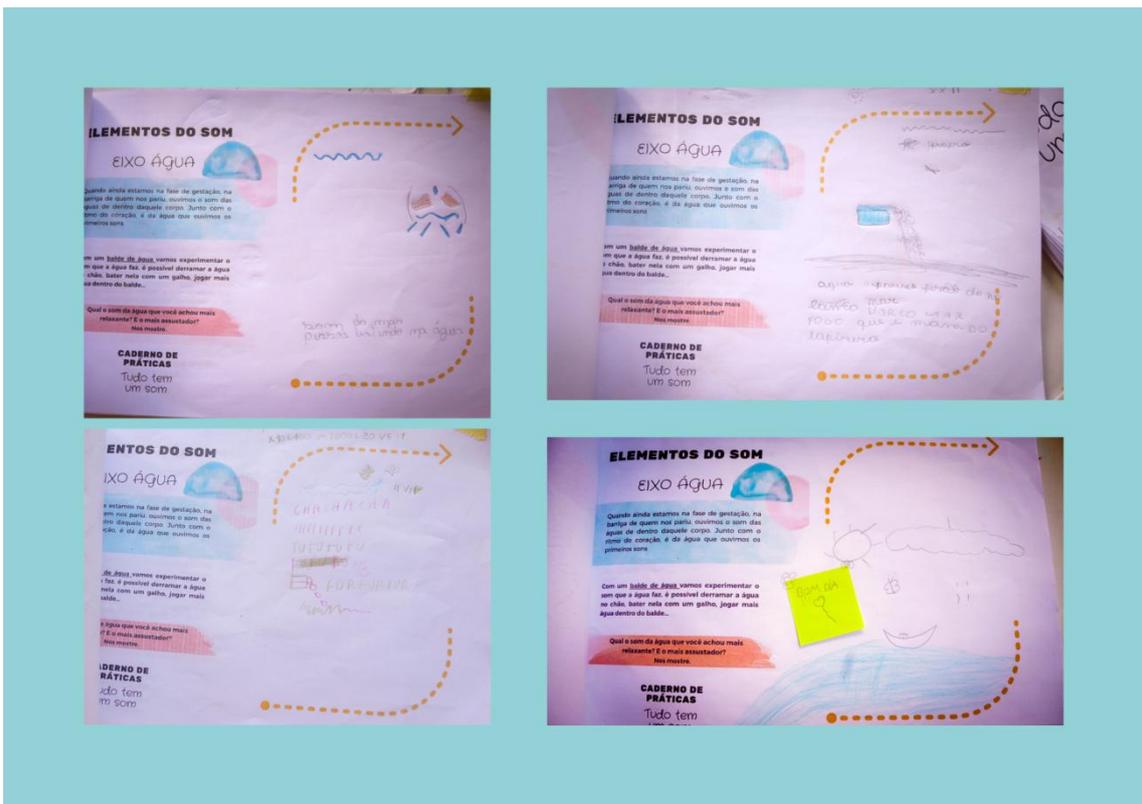


Figura 6: Fotos de Felipe Karnakis

24 de março

AULA 3 - Ver e mexer para conhecer

Nessa aula queria trabalhar os outros elementos do som: o ar, o fogo e a terra. Levei galhos, folhas e sementes que havia pegado na UFPE. Também reservei equipamentos de áudio do Laboratório de Imagem e Som (LIS), que levei na aula. E convidei Felipe Karnakis (estudante de Cinema e Audiovisual) para fazer os registros da aula.

Comecei pegando o projetor e a caixa de som do GRIS. Liguei o computador emprestado, e os outros equipamentos para começar a passar o vídeo *Children's game #15: Espejos*, de Francis Alys. No meio do vídeo, o projetor desligou e a caixa de som ficou sem bateria. Resolvi passar os vídeos diretamente no notebook, com o áudio do computador. A sala estava bem iluminada, o que dificultou a atenção ao que estava sendo passado em uma pequena tela de notebook. Nesse dia ainda chegaram mais duas meninas, irmãs, de 7 e 9 anos. O vídeo faz parte de uma série feita pelo artista belga Francis Alys, onde mostra crianças brincando ao redor do mundo e, em *Espejos*, ele traz crianças do México, que correm e se escondem com espelhos nas mãos, que servem como instrumento para refletir o sol no corpo da outra criança e a fazer "cair". As meninas se interessaram pela brincadeira, mas estavam dispersas. Logo depois passei o *Children's game #29: La roue*, da mesma série de Francis Alys. Essa brincadeira acontece em uma grande montanha de cobalto na cidade de Lubumbashi, no Congo, com uma grande roda - provavelmente de caminhão. As crianças sobem nessa montanha para que possam sentar dentro da roda e rolar para baixo da montanha. As meninas se impressionaram com a brincadeira e acharam graça da adrenalina gerada por rolar dentro de um pneu.

Depois, comecei a apresentar a elas os equipamentos de som do LIS, entre gravadores, microfones e headphones. O encantamento que um equipamento pode gerar foi bem visível. Nos *Diários de Bordo* escritos por Mariana Porto sobre a Escola do Engenho, ela comenta:

Não acho sensato trabalhar na perspectiva dos softwares proprietários e equipamentos de ponta. Todo o corpo docente da escola, chega equipado com notebooks, câmeras e equipamentos

nunca antes vistos. As crianças da escola enchem os olhos e acabam por desenvolver um fetiche pelos produtos que vêm portar seus professores. Como pode um trabalho com audiovisual plantar uma relação diferente com os equipamentos e insumos cinematográficos?

(MARIANA PORTO, *Diário de Bordo - Escola de Engenho*, 2017)

Ao mesmo tempo que tais equipamentos estão longe de uma realidade de aquisição, como deixá-los somente no acesso restrito de uma universidade, de um público que já trabalha na área, ou está se formando para isso? Como podemos diminuir as fronteiras e ampliar horizontes? A decisão de levar os equipamentos passa por usá-los como forma de abrir os ouvidos também pra essa experiência. Talvez levá-los nessa terceira aula tenha sido um pouco cedo. Elas começaram a pegar os equipamentos e a entrevistar uma a outra. Mas dava para ver que elas logo começaram a ter autonomia sobre o uso do gravador e microfone.



Figura 7: Fotos Felipe Karnakis

Ainda quis retomar a ideia inicial de tentar trabalhar os outros elementos do som (nesse dia consegui trabalhar um pouco o elemento terra). Aproveitei que a sala tinha uma cortina, peguei os galhos, folhas e sementes e fui atrás da

cortina para fazer sons som eles, enquanto elas tentavam adivinhar do que se tratava.

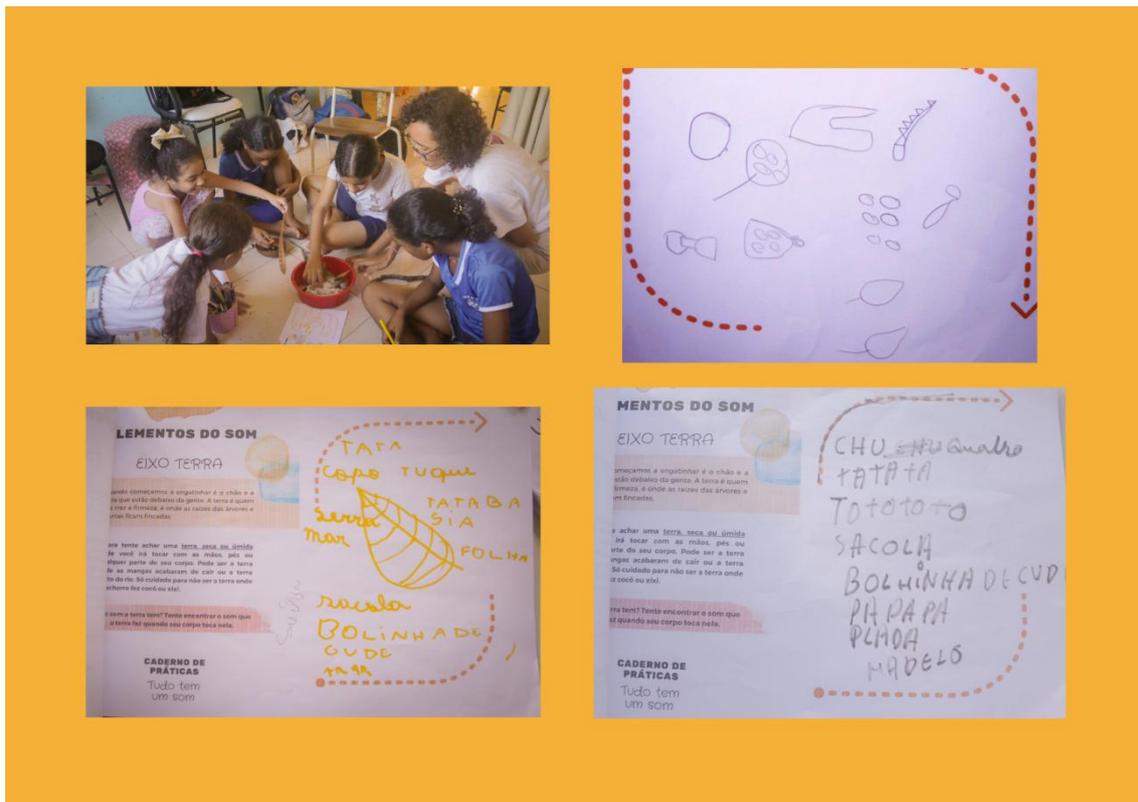


Figura 8: Fotos Felipe Karnakis

Nessa aula me organizei através de doações do *instagram* para garantir um lanche para as crianças em todas as aulas.

No encontro virtual *Imagens e cidade*, do Laboratório Olhares Periféricos, no dia 1 de abril de 2023, o Coordenador Pedagógico do Laboratório, Arthur Medrado, comentou sobre a importância da hora da alimentação: é importante comer junto. O quanto acontece nesse intervalo, fora do cronograma de atividades programadas. Aprender a programar o corpo para o despreparo.

27 de março

AULA 4 - Trabalhar com criança demanda energia

Nem sempre essa energia tá presente, ainda mais na rotina de ser mãe, de ser estudante, trabalhadora, de ser dona de casa... é cansativo. Hoje vi enquanto formato de aula, a necessidade de trazer as referências em vídeo

também. Ter um tempo pra pensar e conversar sobre essas referências. E muitas vezes o aparato tecnológico é um empecilho para isso. Arranjar uma forma de fazer com que eu consiga mostrar vídeos também.

(áudio que enviei para mim mesma após a aula 4.)

Essa aula contou com a falta do notebook que tinha conseguido emprestado. Então resolvi levar minha caixa de som e levar sons para elas ouvirem. Ainda chamei Cecília Assy, estudante de Cinema e Audiovisual e é com quem divido a realização do programa de rádio Arruaça.

Levei alguns sons que eu gravei e outros achados na plataforma *freesound*: Som de passos no mangue, Som das águas arrebatando nas pedras, no Parque de Esculturas, Cascalhos e Fogueira. As meninas desenharam enquanto ouviam os sons, davam palpites sobre o que se tratava cada som.



Figura 9: Fotos de Cecília Assy

Depois propus uma prática do caderno que chamei de "A imagem do silêncio". A partir de 4 fotos, elas se dividiram em dois grupos e cada grupo escolheu uma foto:

Que som essa imagem tem? Escolha uma das quatro imagens a seguir e de olhos fechados tente imaginar os sons que podem estar nela.

Grave e crie sons para essa imagem.



Figura 10

Um grupo escolheu uma imagem de chão de pedras de uma cachoeira e ao fundo víamos pés que pareciam brincar. Saímos do Gris e fomos à rua da comunidade da Vila Arraes para gravar sons para essa imagem. Acompanhei mais de perto Jéssica, Lethycia e Camili, enquanto Cecília acompanhava o outro grupo. Gravamos separadamente o som de água, de passos, e pedrinhas sendo mexidas com as mãos.

No grupo acompanhado por Cecília, participavam Victoria, Heloisa e Nelinha, e elas criaram sons para a imagem do caboclo de lança passando na rua e as crianças correndo atrás dele. Na foto, vemos ao fundo um carro do ovo passando. Elas ensaiaram para fazerem esses sons sincronicamente e gravei o som dessa atuação com o celular.

No fim da aula, ouvimos algumas músicas que escolhi (Boi da Mata e Cila do Coco), elas pegaram baldes e galhos que tinha levado e começaram a batucar.

31 de março

AULA 5 - Preparada para o despreparo

Consegui emprestado com Linda, uma amiga da graduação de Arqueologia, um notebook para levar nas aulas e poder exibir materiais de referência. Nessa aula pensei em trabalhar o direito de brincar. Onde e como cada uma brinca? Também havia pensado em propor uma prática de Quebra panela sonoro, que não deu certo, porque as meninas se atrasaram. Tinham só duas crianças em sala quando comecei a aula.

Levei o curta-metragem de Xulia Doxagui "Crescer onde nasce o sol", um documentário com crianças do Alto do Sol nascente, comunidade de Olinda, e a busca por lugares onde brincar. Na exibição estavam Lethycia e Victoria. As duas acharam triste o fato das crianças não terem onde brincar. Relataram que na Vila Arraes tem uma quadra e brinquedos, além da Praça da Várzea, com diversas opções para brincar. O curta tem como uma das personagens uma mulher trans, o que gerou questionamentos sobre gênero e sexualidade.

Victoria insistiu para que fossemos até a casa de umas meninas chamá-las para a aula. Então fomos, e vieram Camili, Nelinha e Maria Alice - a última veio pela primeira vez na aula. Eu havia levado um conduíte flexível, após ler uma proposta de experiência no livro *A casa dos cinco sentidos* de Sylvie Giradet e Puig Rosado (2011). Propus que elas fizessem através do conduíte sons da brincadeira preferida de cada uma delas e a outra devesse adivinhar de qual brincadeira se tratava.

Depois quis retomar a ideia de mapa sonoro, mas dessa vez um mapa sonoro coletivo, em que todas pintariam juntas em um único papel kraft onde elas brincam a brincadeira preferida de cada uma. No desenho, elas pintaram a quadra da escola, onde jogam queimado, a igreja, o lugar onde uma delas faz mais brincar, a própria casa, uma amarelinha e uma caixa de bonecas.

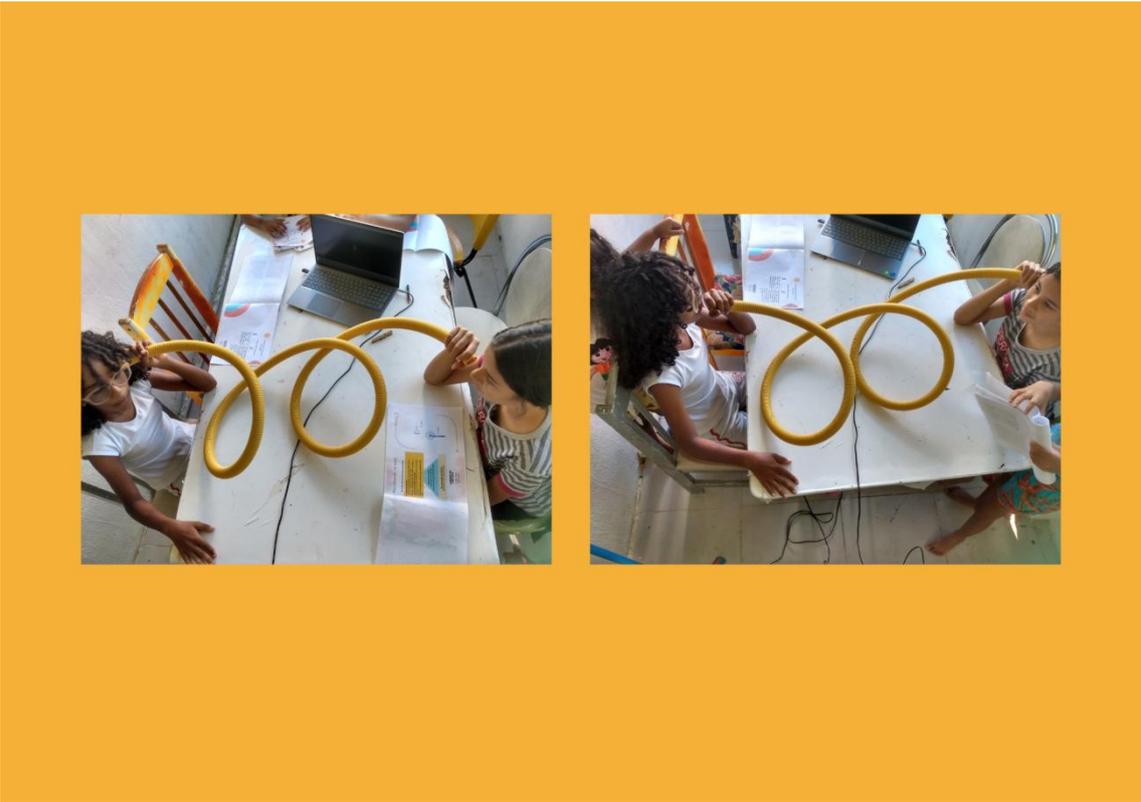


Figura 11



Figura 12

03 de abril

AULA 6 - Captura de sons na Vila Arraes

Essa aula foi a que tive mais pessoas me ajudando. Ao mesmo tempo o dia começou fora do eixo, parecia que o meu tempo não estava se conectando com o de mais ninguém, das demandas que eu precisava fazer em relação a aula. Eu cheguei atrasada, e foram só três crianças pra aula. Mas foi muito bom, porque foi o primeiro dia que a gente saiu, que elas me levaram pra capturar sons.

(Áudio que enviei a mim mesma sobre a aula 6.)

Para esse dia, convidei Bruno Silva (estudante de cinema e também captador de som direto) e Cecília Assy para ajudar na dinâmica de rua com as crianças, e Corina Santiago, para fazer os registros do dia. Nesse dia foram: Jenifer, Victoria e Lelê. Comecei mostrando a elas um áudio que editei para o programa de rádio Arruaça de uma contação de história sobre um rio enterrado, feita por Danilo Minharro. Elas ficaram atentas e cada uma fez uma conexão com as sonoras que compunham a história: uma se lembrou dos pássaros da Cinderela, outra da floresta, e a outra lembrou do som do esgoto. Ainda relacionaram o som de água pingando que se repetia com o som de chuva.

Levei também o filme *O melhor som do mundo*, de Pedro Paulo de Andrade, um curta-metragem de ficção que acompanha Vinícius, um garoto apaixonado por captar sons, que está à procura do melhor som do mundo

Logo após, eu mostrei o equipamento que emprestei do LIS: gravador, microfone e headphones, e propus que cada uma pensasse em um lugar para irmos captar os sons ao redor do GRIS. De alguma forma, o filme exibido foi importante para que elas saíssem decididas de que iriam encontrar sons para capturar. A primeira parada foi na ponte da Vila Arraes - de cima elas conseguiram ouvir os porcos que estavam na margem do rio comendo, sapos.



Figura 13: Fotos Corina Santiago

Depois quiseram ir a uma parte mais larga do rio. No caminho ouvimos: passarinhos, pessoas, pás, músicas, pessoas. Chegando ao rio havia um cavalo que impedia nossa passagem e ficamos longe de suas águas. Na rua que dava para o rio, havia cães latindo, o que ouvíamos mais alto do que a própria água do rio.

Então, elas propuseram de irmos captar o som do parquinho que fica ao lado da quadra da Vila Arraes, o que também foi um motivo para brincarem na gangorra e no balanço.



Figura 14 Fotos: Corina Santiago



Figura 15 Fotos: Corina Santiago

Pensando em capturar sons e viver o espaço onde está esses sons, a troca entre estar ouvindo a brincadeira enquanto a outra criança brinca é

também um movimento de "estar em sons, habitar paisagens sonoras.". Isso por que: "Ouvir solicita, portanto, para além de coragem, uma atenção que não a de simplesmente se abrir ao mundo, mas a energia para explorar espaços." (LUIZ OLIVIERI, 2021, p.136).A prática de capturar sons é um convite para se abrir e reconhecer a própria vizinhança, abrir os ouvidos para essa escuta e ir atrás de novas descobertas. No caminho do parquinho para o último lugar escolhido para capturar sons, as meninas se depararam com um passarinho na gaiola que não quis cantar para elas, e logo depois o som da água corrente que saía do bueiro do esgoto. O caminho acabou sendo uma redescoberta da própria arquitetura dos arredores. Em *Extraclasse: sondiagem e escuta como métodos de invenção*, Luiz Olivieri fala do conceito de Ponto de escuta:

Os pontos de escuta nos permitem ouvir de maneiras completamente diferentes. Além de decidirmos para onde apontamos nossa escuta, decidimos que qualidade sonora iremos captar. (OLIVIERI, 2021, p.22)

Parar, respirar e silenciar faz parte de ampliar nossos pontos de escuta. O último lugar escolhido para capturar sons foi a Avenida Afonso Olindense. Na calçada da avenida, cada uma percebeu sons de diferentes fontes: os carros que passavam, os homens que falavam da banca da esquina e o som que chegava da igreja próxima do ponto onde estávamos.

Cada corpo se abre para uma escuta e há diferentes referências e afetos que nos atravessam para que a escuta aconteça. Na memória corporal de cada um, há paisagens que estamos acostumados e desinteressados, ou nutrimos algum tipo de afeto por aquele som tão presente no nosso cotidiano.Há sons que nos incomodam e passam por cada uma de nós, sons que vem com mais intensidade e outros com desinteresse.

Por fim, nos encaminhamos para o lanche e para o fim do encontro.



Figura 16 Fotos: Corina Santiago

10 de abril

AULA 7- Capturando mais sons

Cheguei para a aula com Corina. Lá fora estava Joice Paixão, e Maria Alice corria atrás de Nelinha que tentava se proteger abraçada em Joice. Maria Alice falava que ela era um monstro e Nelinha deveria correr. Lembrei a elas que haveria aula hoje, que eu esperaria por elas. Organizei a sala e fui atrás das meninas, que estavam demorando a chegar. Foi um dia em que também tive a colaboração de Bruno Silva, Cecília Assy e Corina Santiago. Fui chamar Nelinha, Camili e Jenifer, elas pediram para eu ir chamar com elas Maria Alice, que estava terminando de se arrumar para a aula. A esperamos e chegamos no GRIS.

Essa aula foi inicialmente pensada para ser uma aula de criação de sons, mas como vieram crianças diferentes das que estavam na aula 6, de capturar sons, fiz uma dinâmica parecida com a do encontro anterior.

Levei alguns vídeos para vermos juntas: *Não moro mais aqui*, animação em stop motion de Laura Araújo, que elas ficaram querendo entender porque a menina era brigada com a avó e se atentaram aos sons que estavam presentes

na animação. Gostaram bastante do filme, e Nelinha pediu para ver de novo. Depois passei um vídeo da *Mostra Cultural: Mulheres, cantigas e algodão*, com mulheres da Comunidade Quilombola do Cortume fiando o algodão e cantando. Elas se interessaram por saber o que elas estavam fazendo enquanto cantavam, nunca haviam visto um algodão sendo fiado. Após esse vídeo, vimos um clipe do grupo Fundo de Quintal OFC, uma banda de lata do Maranhão, tocando *Piseiro no Atoleiro*, em que eles se jogam na lama diversas vezes e elas gargalhavam durante o vídeo.

Então propus que pudéssemos sair para gravar um som que falasse sobre cada uma. Logo Maria Alice disse: "vou fazer a voz de monstro!". Cada uma gravaria um som que se identificasse. Mostrei os equipamentos do LIS e tentei dar algumas instruções mais básicas a todas, já que havia ali crianças que nunca tinham pegado em um gravador antes. Elas se dividiram em duas duplas: Camili com Jenifer e Nelinha com Maria Alice. Saímos para captar os sons atrás do GRIS.



Figura 17 Fotos: Corina Santiago

Primeiro paramos na ponte. A primeira dupla quis entrar para a margem e ir atrás do som dos bichos que ali estavam: patos, porcos, cavalos. A outra dupla quis ficar em cima da ponte e captar também o som dos patos. Se aproximaram com mais medo de como o pato poderia reagir, já que uma delas

disse ter sido atacada por ele. Depois viram a água na caixa d'água e quiseram explorar os sons que saíam dali. A primeira dupla foi mais longe, até bem perto do chiqueiro dos porcos e fui com elas, mas logo as convenci de sair dali, porque o porco maior estava incomodado com a nossa presença.

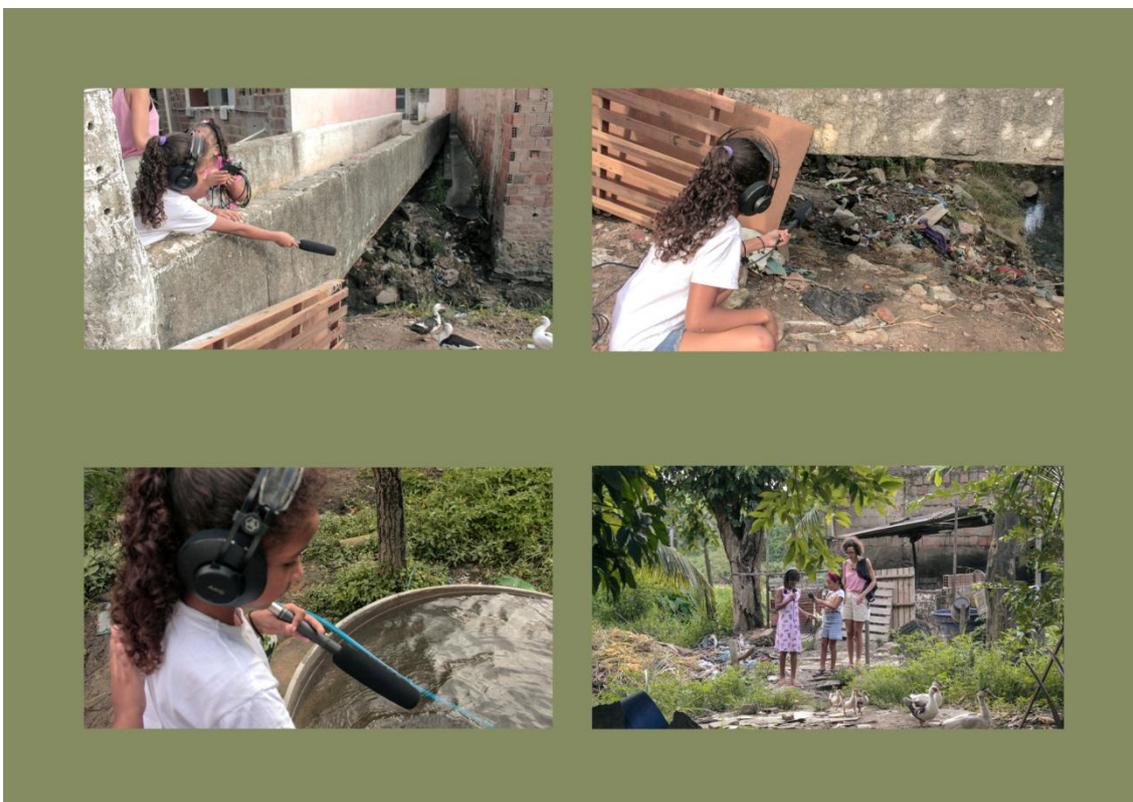


Figura 18 Fotos: Corina Santiago

Logo depois elas ainda quiseram captar o som do rio, então ficaram próximas a margem e se abaixaram para tentar ouvir as águas que ali passavam, porém ainda estavam distantes e o fluxo de água estava muito tranquilo. Então tiveram a ideia de jogar pedrinhas para que pudessem ouvir melhor o som através do microfone.

Tentando ir atrás da gente, no meio do caminho, Corina, que fazia os registros da aula, perdeu a sandália na lama quando atolou a perna até a altura da coxa. No fim, ela encontrou a sandália e conseguiu se limpar na água da caixa d'água. E eu fiquei aliviada de isso não ter acontecido com uma das crianças, que estavam sob minha responsabilidade. Vi que os riscos estavam entre porcos, lama e patos. Como poderia controlar uma porca? Lembrei que devo tentar manter a segurança de todas, apesar da vontade das crianças de serem que nem o som e ultrapassarem muros e barreiras sem pedir licença. A brincadeira tem limites, como diria minha mãe. Ensinar a transgredir como propõe bell hooks parece ser mais fácil com adultos no geral, que já foram

podados e tem as demarcações de alguns limites impostos sobre eles. Como ensinar a transgredir sem pôr em risco as crianças, mas também sem as deixar em uma torre, como Rapunzel?

Em *Cinema de Brincar*, Isaac Pipano e Cezar Miglorin (2019) comentam:

A brincadeira sempre riu da fronteira. Compartilhar o desacordo, mulheres-cavalos, guerreiros selvagens, lobos loucos, os silêncios duráveis, os restos. (...) O cinema é delírio.

Tentar construir um caminho, um espaço de negociação e diálogo constantes, como propõe Mariana Porto (2016):

A idéia de educação se apresenta pra mim hoje muito mais próxima da fundação de um terreno comum que demanda constante negociação. Esta necessidade de negociar com o outro por um objetivo comum é a abertura da possibilidade de um diálogo que nem sempre é prazeroso, mas dá frutos.

Entre delírios e aventuras, as crianças decidiram com microfones e gravadores nas mãos gravar entrevistas com as pessoas que passavam pela ponte. Entrevistaram também umas às outras. Uma das meninas encontrou seu avô, que estava cuidando de seu cavalo, e também o entrevistou.



Figura 19 Fotos: Corina Santiago

Um grupo perguntava o nome do pai, da mãe, a brincadeira preferida, comida preferida e se conhecia o GRIS; a outra parte queria saber quando nasceu, a idade, onde mora se tem carro ou moto e quantas vezes na semana vão ao mercado. Elas criaram por si mesmas as perguntas e iam atrás das pessoas para perguntá-las.

Nesse dia elas nem estavam preocupadas com a hora do lanche. Poder entrevistar as pessoas parecia mais animado do que qualquer outra proposta. Mas precisei chamá-las para voltarmos ao GRIS e lancharmos. Essa aula também contou com o auxílio de Alessandro, que chegou ao GRIS com o lanche que ele havia preparado, e me ajudou a levar algumas coisas para casa.

14 de abril

AULA 8 - Criando histórias a partir dos sons

Pensando em todos os sons captados por elas, comecei a aula exibindo a prática que fizeram em A imagem do silêncio. Em casa eu montei foto + sons para poder mostrar a elas. Elas ficaram tentando se lembrar quem fez cada

som, e se impressionaram com o resultado. Os sons para a imagem do caboclo de lança geraram gargalhadas.

Nessa aula, eu cuidei de comprar as comidas para o lanche, e chamei Alessandro para me auxiliar na execução da aula. Felipe Karnakis chegou também para fazer os registros. Eu fiz uma decupagem dos sons captados nas aulas 6 e 7, e escolhi alguns para mostrar em aula (cerca de 15 minutos de áudio), depois a proposta era que a partir dos sons, a gente criasse uma história coletiva. Na hora da aula, as crianças mais novas, gostaram mais da ideia de cada uma criar sua própria história, enquanto as mais velhas, incentivaram que cada uma pensasse uma parte da história. No fim, fizemos as duas coisas. Havia sons de sapos, porcos, águas, bicicleta, gangorra, trânsito.



Figura 20 Fotos: Felipe Karnakis

As histórias criadas tinham uma protagonista (uma menina) que passava e caminhava por entre lugares e aventuras. De alguma forma capturar sons parece uma diversão, um filme de ação da Sessão da Tarde, com pontos de virada e caminhos de altos e baixos. Mas o filme da Sessão da Tarde também tem seus intervalos, entre um bloco e outro, haverá uma pausa para ir ao banheiro e comer uma pipoca. E uma hora ele chegará ao fim.

O fim ou uma viagem contínua

Um meio em expansão: o som é sempre um território em viagem pelo ar.

(LUIZ OLIVIERI, 2021, p. 38)

Foram oito aulas, às segundas e sextas-feiras das 14h às 16h no GRIS - Espaço Solidário, localizado na Vila Arraes. 16 horas de encontros, que às vezes se estendiam por quase uma hora a mais. No início usei o Caderno de Práticas como um amuleto da sorte, um apoio para não me perder e um ponto de atenção delas. Era o lugar do desenho, do rabisco, da experimentação. O caderno enquanto um apoio para que cada uma criasse suas próprias imagens, cores, letras e mundos. Foi só a partir da quinta aula que eu consegui também me soltar do caderno, e propor para elas práticas em outros suportes, para além das que havia pensado antes de conhecê-las.

Eram nove diferentes pessoas abertas a descobrir novos mundos. E trocar sobre cada mundo. Como propõe bell hooks: "O ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e a unicidade de cada voz". (HOOKS, 2017, p.114)

Ouvir uns aos outros acontecia também na hora em que não era mais aula, no momento da partilha da comida. O momento do lanche foi muito importante. E só aconteceu por ter tido pessoas que fizeram doações em dinheiro para poder comprar as comidas em todos os encontros. Além delas, também só aconteceu por ter tido o apoio e suporte de Alessandro que cozinhou em cinco das oito aulas, com "o tempero do amor" como elas diziam. Estar na mesa comendo junto foi essencial para a gente se reconhecer. Na hora do lanche falamos sobre nossos pais, o que gostamos e não gostamos de comer, a escola, os afetos e desafetos, e sobre a vida.



Figura 21 Fotos:Corina Santiago, Jota Carmo e Felipe Karnakis

Querer comer é reconhecer que somos corpos com fome, com necessidades básicas. O momento da aula não é superior ao momento da refeição, mas é também um momento de celebrar mais um dia. Algumas meninas puxavam uma oração antes do momento de comer, de mãos dadas, agradeciam a comida posta na mesa.

Aqui espero que tenha sido um pouco como uma aluna de bell hooks comentou sobre a aula dela: "Você nos ensina a falar e ouvir o que o vento diz."(hooks, 2017, p.260). O vento sabe ser vento quando toca um corpo que o sente, balança com ele, sente frio com ele, sente falta dele no calor do meio-dia. O som como algo que move nossos corpos a uma busca, que a busca nos instigue a continuarmos caminhando e olhando novos horizontes.



Figura 22 Fotos de Jota Carmo e Felipe Karnakis



Figura 23 Foto de Felipe Karnakis

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOOKS, bell - *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. tradução Marcos Brandão Cipolla - 2 ed. - São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LANA, Sara. Homepage: <https://saralana.xyz/>. Acesso em: 24 de abril de 2023.

MIGLORIN, Cesar; PIPANO, Isaac: *Cinema de brincar*. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.

OLIVIERI, Luiz: *Extraclasse: sondagem e escuta como métodos de invenção. Diário do artista-professor*. Tese apresentada para obtenção do grau de Doutor em Arte, Universidade de Brasília, 2021

PORTO, Mariana - Escola Engenho – Diários de bordo. IN: *Cinema e universidade : diferentes convergências* [recurso eletrônico] / Laécio Ricardo, Thaís Vidal, Txai Ferraz, Organizadores. – Recife : Ed. UFPE, 2017. Disponível em <https://editora.ufpe.br/books/catalog/view/205/215/622>, Acesso em 28 de abril de 2023.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

ALÿS, Francis. Children's Game #15_ Espejos. Ciudad Juarez, Mexico, 2013; in <https://francisalys.com/childrens-game-15-espejos/>

ALÿS, Francis. Children's Game #29_ La roue. Lubumbashi, DR Congo, 2021; in <https://francisalys.com/childrens-game-29-la-roue/>

ANDRADE, Pedro Paulo de. O melhor som do mundo. São Paulo, SP. 2015. in <https://www.youtube.com/watch?v=A4vVRKQfrqQ>

ARAUJO, Laura de. Não moro mais aqui. Recife, PE. 2019. in <https://mubi.com/pt/films/nao-moro-mais-aqui>

DOXAGUI, Xulia. Crescer onde nasce o sol. Olinda, PE. 2021. in <https://festivaltaguatinga.com.br/festivalTagua/16/assista/curta/filme/3636>

FORTUNATO, Jammille. Cordilheira de amora II. Amanbai, MS. 2015. in <https://www.youtube.com/watch?v=mKRCsM45zHc>

CADERNO DE PRÁTICAS

Tudo tem
um som



Tudo tem um som

OFICINA DE SOM NO AUDIOVISUAL PARA CRIANÇAS

Antes dos Mouros - Cordel do Fogo Encantado

*Os trovões já batucavam
Vanguardistas batucadas
O vento já produzia
Árias de ar e poeira
O mar nunca atrasará
O compasso do batuque
E o fogo na sua dança
Toda vida fez um som
Antes do peito dos mouros
Antes dos gritos da gente
Antes até da saudade
Que viajou além-mar
Do banzo dos africanos
Do toré no mato verde
O fogo com seus estalos
Fazia um som
Já fazia um som*

Compositor: Jose Paes De Lira Filho

INTRODUÇÃO

Este projeto deseja criar reflexões sensíveis com o território em que vivemos, no espaço de nossas casas, pelas ruas do bairro, no caminho para a escola e dentro dela também. Na vida cotidiana, o audiovisual nos acompanha, atraindo nossos sentidos. Por isso, aqui vamos questionar sobre uma de suas características mais importantes: que som é esse que nos afeta quando assistimos um vídeo, ou um filme? Quais significados ele provoca sobre mim? Todos os dias, o som da vizinhança, das ruas e de nossas próprias casas ultrapassam muros e barreiras, nos atravessando com sua presença.

O CADERNO

O Caderno de Práticas - Tudo Tem um Som quer proporcionar jogos de ouvir. Vamos sentir e conversar sobre o que ouvimos?

Percebendo os sons

De onde vêm os sons que eu escuto?

Tampe seus ouvidos

Pode ser com algodão, ou com seus dedos mesmo, tente diminuir os sons que ouve lá fora.

Respire profundamente três vezes, tentando se concentrar na própria respiração.

Pode fechar os olhos enquanto estiver na respiração profunda.

Agora destampe os ouvidos e ouça o ambiente onde está.

Quais sons você ouve?

Quais sons o seu corpo faz?

Quais sons você ouve e não está vendo?

Um som pode ter forma?

Desenhe os sons que escutou.

CADERNO DE PRÁTICAS

Tudo tem um som





PAISAGEM SONORA

Já ouviu esse termo?

Pense nos sons de algum lugar - pode ser o de sua escola.

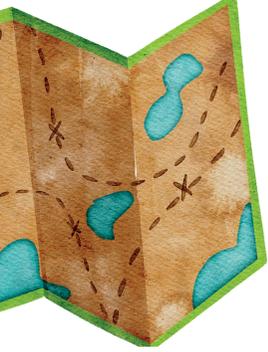
Quais são os sons que você ouve nela?

Quando pensamos em paisagem, vem a ideia de imagem, e seria possível pensarmos em paisagem de sons como? Através da percepção sonora e ações que ocorrem em determinado espaço. Que som tem ali?

No cinema, a paisagem sonora é o universo de sons que está na tela.

**CADERNO DE
PRÁTICAS**

Tudo tem
um som



Mapa sonoro



Tente fazer uma **paisagem sonora da sua vida**.

Pegue uma folha de papel e, como você quiser, mostre os sons que marcam sua vida. Pode desenhar, escrever, fazer colagens... O que preferir.

Por som, a gente não está falando só de música, mas vamos além, com sons de bichos, máquinas, pessoas e o que mais nos lembrarmos.

QUAIS SONS VC OUVE EM SUA CASA?

QUAIS SONS TE DÃO UMA LEMBRANÇA BOA?

**O QUE VOCÊ OUVE DO SEU CAMINHO DE CASA ATÉ
SUA ESCOLA?**

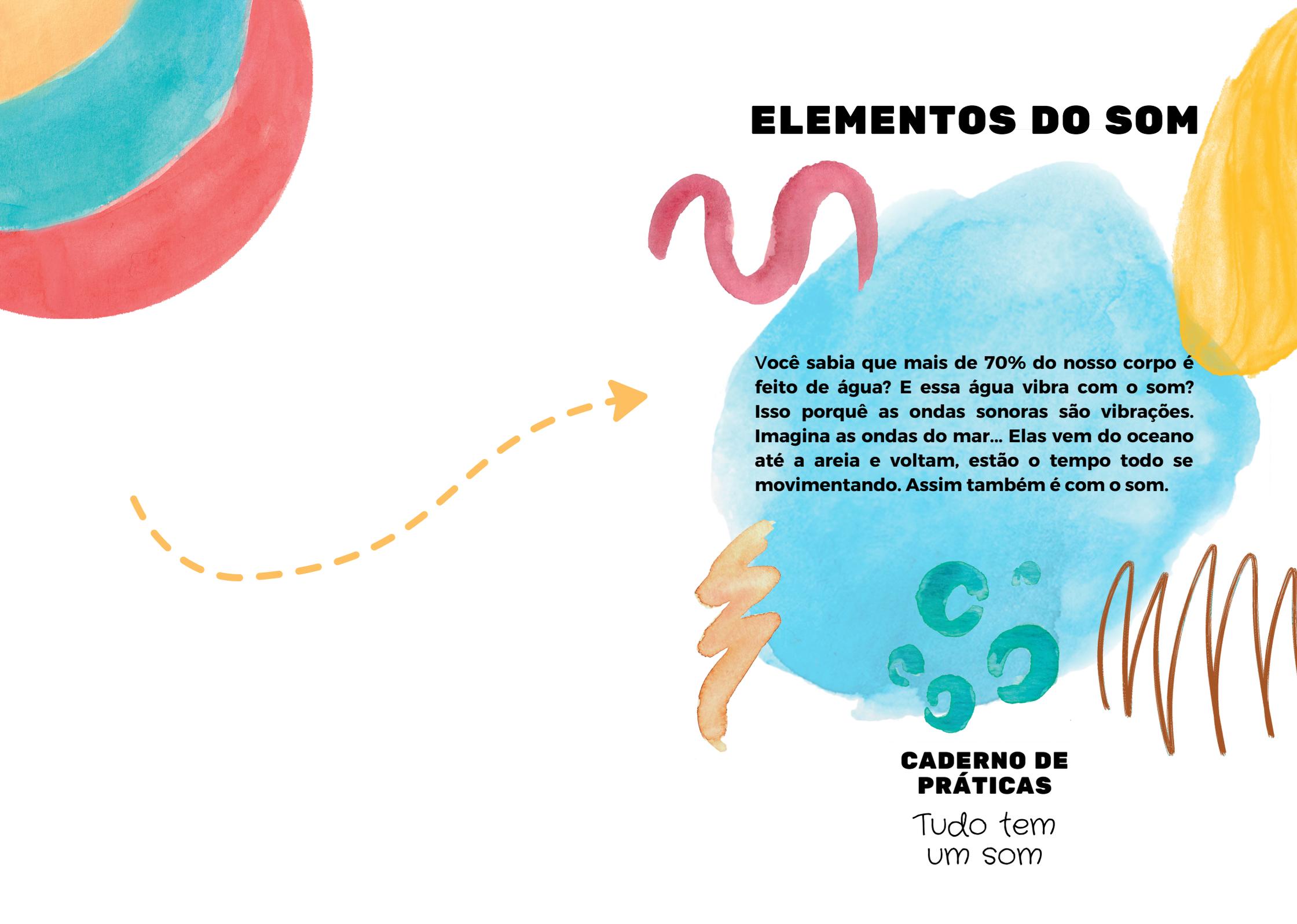


CADERNO DE PRÁTICAS

Tudo tem
um som



ELEMENTOS DO SOM



Você sabia que mais de 70% do nosso corpo é feito de água? E essa água vibra com o som? Isso porquê as ondas sonoras são vibrações. Imagina as ondas do mar... Elas vem do oceano até a areia e voltam, estão o tempo todo se movimentando. Assim também é com o som.

**CADERNO DE
PRÁTICAS**

Tudo tem
um som

ELEMENTOS DO SOM

EIXO ÁGUA



Quando ainda estamos na fase de gestação, na barriga de quem nos pariu, ouvimos o som das águas de dentro daquele corpo. Junto com o ritmo do coração, é da água que ouvimos os primeiros sons

Com um balde de água vamos experimentar o som que a água faz. é possível derramar a água no chão, bater nela com um galho, jogar mais água dentro do balde...

Qual o som da água que você achou mais relaxante? E o mais assustador?
Nos mostre.

CADERNO DE PRÁTICAS

Tudo tem um som





ELEMENTOS DO SOM



Logo que nascemos saímos da água e sentimos o ar. Respiramos.
Que som o vento nos traz?

Agora com folhas secas, galhos e o vento do dia vamos procurar o som do vento. Podemos dançar junto com as folhas e galhos. Será que achamos um saco, um plástico bolha, ou um papel que faça sons diferentes? É hora de ir atrás de materiais que tragam o som do vento e se movimentam com o vento. (pode ser o seu próprio corpo)

Traz esse som para ouvirmos juntas.

CADERNO DE PRÁTICAS

Tudo tem um som



ELEMENTOS DO SOM

EIXO TERRA

Quando começamos a engatinhar é o chão e a terra que estão debaixo da gente. A terra é quem nos traz a firmeza, é onde as raízes das árvores e plantas ficam fincadas.

Agora tente achar uma terra, seca ou úmida onde você irá tocar com as mãos, pés ou qualquer parte do seu corpo. Pode ser a terra onde as mangas acabaram de cair ou a terra perto do rio. Só cuidado para não ser a terra onde o cachorro fez cocô ou xixi.

Que som a terra tem? Tente encontrar o som que a terra faz quando seu corpo toca nela.

CADERNO DE PRÁTICAS

Tudo tem um som



ELEMENTOS DO SOM



Quando faz frio, é logo um abraço e um colo que nos esquenta. Quando chega a hora do almoço, vem logo o cheiro da comida que está esquentando no fogo. O fogo é também a luz que vemos longe na noite de São João.

Agora vamos atrás da luz, seja do sol, do fogo que está esquentando a comida (mas só com ajuda de um adulto), ou de algum lugar que esquentou por conta do sol.

Qual o som o fogo faz? Esse som tem cor e cheiro? Mostre pra gente.

CADERNO DE PRÁTICAS

Tudo tem um som





GRAVANDO SONS

E como a gente grava um som?

Tem gravadores profissionais para isso, mas com um celular já conseguimos gravar um som, um áudio de zap, uma coreografia com música, o som da paisagem que estamos fazendo um vídeo. Vamos testar?

Que equipamento você tem na mão? Um fone de ouvido pode ter um microfone no fio que nos ajuda a direcionar o som que queremos pegar.

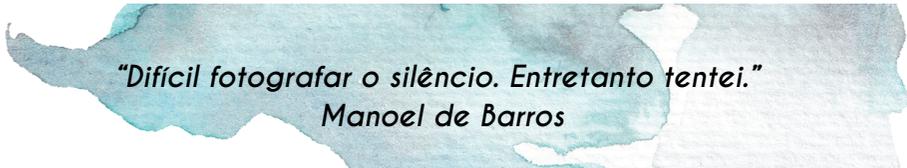
CADERNO DE PRÁTICAS

Tudo tem um som





A imagem do silêncio



*"Difícil fotografar o silêncio. Entretanto tentei."
Manoel de Barros*

Que som essa imagem tem? Escolha uma das quatro imagens a seguir e de olhos fechados tente imaginar os sons que podem estar nela. Grave e crie sons para essa imagem.



**CADERNO DE
PRÁTICAS**

Tudo tem
um som



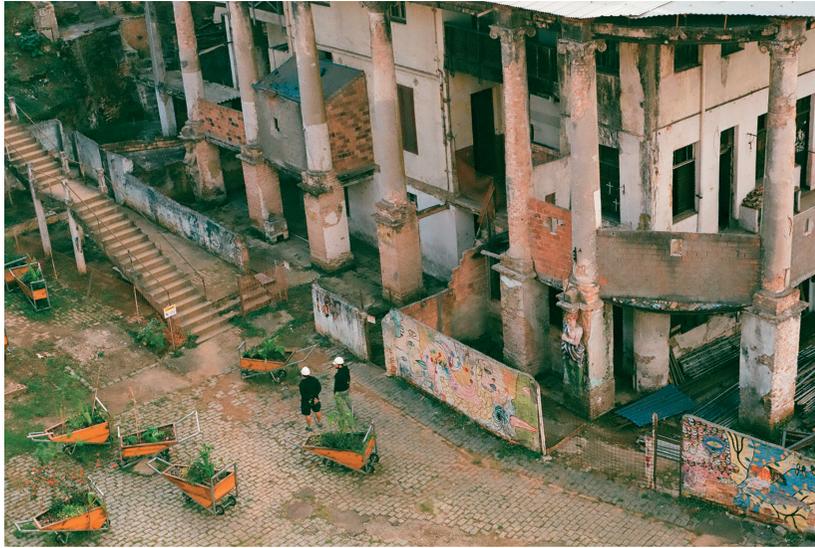
1



3



2



4





Quebra panela sonoro

Vamos nos dividir em dois grupos.

1

Um grupo estará de olhos vendados, de ouvidos atentos e abertos para nos dizer o que o outro grupo está fazendo através do som.

2

O outro grupo começará a fazer ações no espaço onde estão, com sons para que o outro grupo possa ouvir e nos dizer o que está acontecendo:

Vocês podem pensar em uma atuação sem fala, mas com movimentações de objetos e corpo, que tragam diferentes sons e texturas.

CADERNO DE PRÁTICAS

Tudo tem um som



Capturando sons

Que som você quer capturar? Onde ele está?
É hora de se arriscar!



Grave TRÊS sons diferentes com o seu celular ou gravador que tiver na mão. Manda por zap pro teu melhor amigo, sem dizer do que se trata. Agora vamos esperar uma resposta?

CADERNO DE PRÁTICAS

Tudo tem um som





Criando sons



Junta os amigos que gravaram outros sons, cada um com seu celular, e vcs vão dar play ao mesmo tempo nos áudios gravados por cada um para criar uma nova PAISAGEM SONORA. O que esses sons juntos parecem? Feche os olhos pra ouvir. Que imagem aparece na sua cabeça. Desenhe ela pra gente.

Criar sons é compor sons diferentes em um mesmo ambiente. Que sons você quer criar? Já pensou em pegar algumas panelas, colheres, garrafas e teu próprio corpo e ver que som sai daí? Vamos tentar juntar sons diferentes, gravados separados ou ao mesmo tempo e criar um som que seja só seu?

**CADERNO DE
PRÁTICAS**

Tudo tem
um som



**ESTE É UM PROJETO DE FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
CINEMA E AUDIOVISUAL NA UFPE**

FICHA TÉCNICA

Realização, design e educadora
Marcia Rezende

Orientação
Cristina Teixeira

Revisão
Alessandro Andrade

Foto (contra-capa e exercício "Caboclo de lança")
Alessandro Andrade

Outras fotos ex. A imagem do silêncio (1,2 e 3)
Marcia Rezende



RECIFE, 2023